



A configuração semântica de orações causais-condicionais no português do Brasil segundo a Gramática Discursivo-Funcional

Ana Paula Cavaguti (UFSCar)
Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale (UFSCar)

RESUMO: Neste artigo, analisam-se as orações adverbiais causais e condicionais introduzidas pelas locuções conjuntivas *dado que*, *desde que* e *por uma vez que* no português do Brasil. Com base nas ocorrências encontradas em textos escritos, obtidas no *Corpus do Português*, examinam-se os parâmetros semânticos (HENGEVELD, 1998) que caracterizam essas orações e os níveis e as camadas (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) em que elas ocorrem. As orações causais designam entidades de segunda ordem, com referência temporal independente e são sempre factuais. As orações condicionais designam entidades de terceira ordem, com referência temporal dependente e são não-factuais. Ambas as orações veiculam informação não-pressuposta.

Palavras-chave: locuções conjuntivas; orações adverbiais; parâmetros semânticos; funcionalismo.

Introdução

O objetivo deste artigo é examinar as orações adverbiais causais e condicionais encabeçadas pelas locuções conjuntivas *dado que*, *desde que* e *por uma vez que* no português escrito contemporâneo do Brasil. Esta análise se baseia em pressupostos teóricos funcionalistas como os de Dik (1989), Hengeveld (1998), e os de Hengeveld e Mackenzie (2008), para os quais as orações adverbiais devem ser analisadas sob o ponto de vista de sua estrutura semântica interna. Para isso, Hengeveld (1998) propõe que se considerem quatro parâmetros semânticos: tipo de entidade, factualidade, pressuposição e dependência temporal.

Com base nesses parâmetros, caracterizam-se os usos causais e os condicionais dessas locuções a partir de ocorrências reais da modalidade escrita, obtidas no *Corpus do Português*, disponível em <<http://www.corpusdoportugues.org>>.

Este artigo se organiza da seguinte maneira: na primeira seção, apresenta-se a base teórica do trabalho, de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008) e com Hengeveld (1998); a segunda seção diz respeito à metodologia; a terceira seção se relaciona à análise dos dados, subdividida por tipo de leitura das orações (causal/condicional) e, por fim, a quarta seção apresenta as considerações finais.

1. O funcionalismo de Hengeveld e Mackenzie (2008)

A Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF) é um modelo teórico que procura descrever, separadamente, os fenômenos linguísticos por meio de suas relações funcionais em quatro níveis de organização linguística. Essa teoria se baseia na premissa de que toda organização sintática parte da pragmática, do uso. De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), é um modelo de análise que se inicia a partir da intenção comunicativa do falante (do componente conceitual) até a expressão da forma linguística.

A GDF constitui o Componente Gramatical que se liga a um Componente Conceitual, a um Componente Contextual e a um Componente de Saída. O Componente Conceitual é responsável pelas representações conceituais pré-linguísticas e pela representação da intenção comunicativa convertida em expressões linguísticas. Esse componente é a força motriz que sustenta o Componente Gramatical.

O Componente Contextual é responsável pelo domínio discursivo a partir do qual se produzem novas expressões linguísticas no Componente Gramatical. O Componente de Saída, por sua vez, converte as representações semânticas e pragmáticas em sua forma final – acústica ou gráfica.

Esses três componentes não-gramaticais interagem com o Componente Gramatical, sobretudo por meio das operações de formulação (função) e de codificação (forma) cujas regras são fenômenos específicos de cada língua. As regras de formulação convertem as representações cognitivas em representações subjacentes de natureza pragmática e semântica (Níveis Interpessoal e Representacional, respectivamente). As regras de codificação convertem as representações semânticas e pragmáticas em representações morfossintáticas e fonológicas (Níveis Morfossintático e Fonológico, respectivamente).

Segundo Levelt (1989), Hengeveld e Mackenzie (2008) assumem que o processo cognitivo da interação verbal se realiza de modo descendente, conforme esta ordem: (i) o falante identifica seu propósito comunicativo (informações pragmáticas e contextuais); (ii) seleciona a informação mais relevante de modo que seu propósito seja satisfeito; (iii) codifica as informações em termos gramaticais e fonológicos e, por fim, (iv) realiza a articulação das expressões linguísticas.

Desse modo, para representar o processo cognitivo pelo qual uma intenção comunicativa é formulada e codificada, Hengeveld e Mackenzie (2008) propõem uma organização de análise descendente (*top-down*), cuja unidade básica analisável é o Ato Discursivo (A)¹, definido como a menor unidade do comportamento comunicativo. Daí a GDF ser considerada um modelo de descrição gramatical e não uma gramática do discurso.

1.1. Os níveis de organização linguística

Quatro níveis de organização linguística integram o Componente Gramatical e descrevem a língua em termos de suas funções, na medida em que essas funções são codificadas. Cada um

¹ Os símbolos utilizados pela GDF serão mencionados neste trabalho conforme sua taxonomia. Isso se fará, no entanto, apenas por caráter ilustrativo, uma vez que as formalizações representadas por meio desses símbolos não serão utilizadas nesta análise.

dos níveis apresenta sua própria organização em camadas hierárquicas. As camadas apresentam sua própria variável, são restringidas por um núcleo e por modificadores (estratégias lexicais - σ) e podem ser especificadas por meio de operadores e de funções (estratégias gramaticais - π). A seguir, discutem-se os níveis que são pertinentes para a análise.

1.1.1. Nível Interpessoal

O Nível Interpessoal (pragmático) diz respeito aos aspectos formais que refletem o papel das expressões linguísticas na interação entre falante e ouvinte. Esse nível capta as informações de natureza retórica e pragmática constituintes do discurso, manifestadas por meio das expressões linguísticas.

Para Hengeveld e Mackenzie (2008), o falante possui, até certo modo, consciência para selecionar a melhor estratégia comunicativa de modo que seus objetivos sejam atingidos. Esse nível abrange as informações discursivas, mas somente as que são relevantes para a manifestação linguística.

No Nível Interpessoal, estão previstas as seguintes camadas hierárquicas, organizadas de modo descendente: *Move* > Ato Discursivo > Conteúdo Comunicado > Subato, as quais apresentam a seguinte configuração formal:

$(\pi M_1: [$	$(\pi A_1: [$	$(\pi F_1: ILL (F_1): \Sigma (F_1))$	$(\pi P_1: \dots (P_1): \Sigma (P_1))_s$	$(\pi P_2: \dots (P_2): \Sigma (P_2))_A$	$(\pi C_1: [$	$(\pi T_1: [\dots] (T_1): \Sigma (T_1))_\Phi$	$(\pi R_1: [\dots] (R_1): \Sigma (R_1))_\Phi$	$] (C_1): \Sigma (C_1))_\Phi$	$] (A_1): \Sigma (A_1))_\Phi$	$] (M_1): \Sigma (M_1))$	<i>Move</i>
											Ato Discursivo
											Ilocução
											Falante
											Ouvinte
											Conteúdo Comunicado
											Subato de atribuição
											Subato de referência
											Conteúdo Comunicado
											Ato Discursivo
											<i>Move</i>

Nesse nível, a camada mais alta de análise é o *Move* (M), definido como uma unidade discursiva mínima que representa um turno na interação, na medida em que expressa uma ação comunicativa por parte do falante como, por exemplo, um convite, um alerta, uma ameaça (KROON, 1995). Um *Move* pode desempenhar as funções de iniciação ou de reação e será sempre expresso por meio de um ou de mais Ato Discursivos, que formam o núcleo (simples ou complexo).

O Ato Discursivo contém, ao menos, dois participantes (P), o Falante e o Ouvinte (S, A) e o Conteúdo Comunicado (C). O Conteúdo Comunicado, por sua vez, contém, no mínimo, um Subato, que pode ser atributivo (A), quando o falante tenta evocar uma propriedade, ou referencial (R), quando o falante tenta evocar uma entidade.

Hengeveld e Mackenzie (2008) ressaltam que, embora o *Move* esteja geralmente em posição inicial, isso não é um fator determinante. Além disso, ele pode ser marcado por meio de modificadores e de operadores. Estes se usam para atenuar ou reforçar a força ilocucionária; aqueles podem atuar sobre o *Move*, como mecanismos de estruturação do discurso (expressões como, por exemplo, *resumindo, por outro lado*), ou sobre o Ato, como expressão da atitude do falante (por exemplo, *felizmente, honestamente, francamente*).

O **Ato Discursivo** pode manifestar-se em unidades maiores do discurso como orações, ou em unidades menores como, por exemplo, interjeições, vocativos e holofrases, uma vez que essas expressões linguísticas também contribuem com o desenvolvimento discursivo.

A relação estabelecida entre os Atos Discursivos pode ser equipolente ou dependente. É equipolente quando há dois ou mais Atos com estatuto comunicativo equivalente, e dependente quando há uma relação de dependência entre dois Atos com estatuto comunicativo distinto: um nuclear e um não-nuclear.

O Ato Discursivo pode representar uma função retórica no Ato dependente, como a motivação, a orientação, a correção e a concessão. Entende-se por função retórica o modo como os componentes discursivos são organizados a fim de que as estratégias comunicativas do falante sejam atingidas.

Assim como o *Move*, o Ato Discursivo também pode ser marcado por meio de modificadores e de operadores. As estratégias lexicais servem para expressar ênfase em relação ao Ato Discursivo, enquanto as estratégias gramaticais servem para expressar, além da ênfase, a ironia e a atenuação.

De acordo com os pressupostos da GDF, o **Conteúdo Comunicado** (C) constitui o conteúdo da mensagem de Atos Discursivos e é sempre atribuído ao Falante. O Conteúdo Comunicado pode representar as funções pragmáticas de figura x fundo; tópico x comentário; contraste x sobreposição e podem ser marcados por meio de modificadores que expressam ênfase ou reportatividade como, por exemplo, *felizmente, sinceramente*. Os operadores também podem expressar ênfase ou reportatividade.

Na próxima subseção, discute-se o segundo nível da GDF – o Nível Representacional.

1.1.2. Nível Representacional

O Nível Representacional (semântico) diz respeito aos aspectos de natureza semântica das expressões linguísticas, as quais estabelecem uma relação com o mundo que essas expressões descrevem. Esse nível se refere às categorias de designação (animado/inanimado), funções semânticas (Ator, Paciente, Lugar), oposições de número (singular, plural, dual) e dos advérbios modificadores do conteúdo proposicional (*obviamente, por exemplo*).

Sendo o Nível Representacional responsável pela designação (denotação), Hengeveld e Mackenzie (2008) propuseram novas categorias semânticas de diferentes ordens às categorias Indivíduo, Estado de coisas e ao Conteúdo Proposicional propostas por Lyons (1977). Segundo a GDF, incluem-se as categorias Episódio, Tempo e Lugar.

Segue abaixo o quadro com os tipos de entidades, suas variáveis e os exemplos correspondentes a cada entidade:

Categoria semântica da entidade	Variável	Exemplo
Conteúdo Proposicional	(p)	Ideia
Episódio	(ep)	Sumário
Estado de coisas	(e)	Encontro
Propriedade/relação	(f)	Cor
Indivíduo	(x)	Cadeira
Lugar	(l)	Jardim
Tempo	(t)	Semana

Quadro 1: Tipos de entidade na GDF (adaptado de Hengeveld, 1989).

No Nível Representacional, estão previstas as seguintes camadas hierárquicas, organizadas de modo descendente: Conteúdo Proposicional > Episódio > Estado de coisas, as quais apresentam a seguinte configuração formal:

(πp_1):	Conteúdo Proposicional
(πep_1):	Episódio
(πe_1):	Estado de Coisas
[(πf_1 : [Propriedade Configuracional
(πfl : $\diamond (f_1)$: [$\sigma (f_1)\Phi$])	Propriedade Lexical
(πxl : $\diamond (x_1)$: [$\sigma (x_1)\Phi$]) Φ	Indivíduo
...	
] (f_1): [$\sigma (f_1)\Phi$])	Propriedade Configuracional
(e_1) Φ : [$\sigma (e_1)\Phi$])	Estado de Coisas
(ep_1): [$\sigma (ep_1)\Phi$])	Episódio
(p_1): [$\sigma (p_1)\Phi$])	Conteúdo Proposicional

No Nível Representacional, a camada mais alta de análise é o **Conteúdo Proposicional** (p). Um Conteúdo Proposicional é um construto mental que não existe no tempo nem no espaço, mas que pode ser avaliado em termos de atitudes proposicionais (certeza, dúvida, crença) ou em termos de sua fonte ou de sua origem (conhecimento partilhado, evidência sensorial, inferência). Entende-se por atitude proposicional o grau de comprometimento do falante em relação àquilo que se diz. Isso pode ser expresso por meios lexicais ou por gramaticais. Conteúdos Proposicionais podem ser atribuídos, também, a outras pessoas que não sejam o próprio falante, segundo estes exemplos de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 144):

- (01) Jenny acreditava/esperava que *talvez* sua mãe fosse visitá-la.²
- (02) Jenny foi para casa porque *talvez* sua mãe fosse visitá-la.

² Os exemplos extraídos de Hengeveld e Mackenzie (2008) e de Hengeveld (1998) foram traduzidos pelos autores.

Nos exemplos acima, o Conteúdo Proposicional encaixado é atribuído ao indivíduo *Jenny*, introduzido na oração-núcleo. Nota-se que o Conteúdo Proposicional foi restringido pelo modificador de dúvida, *talvez*, que expressa uma atitude proposicional.

O **Episódio** é definido como um conjunto de Estados de coisas, que representa um bloco tematicamente coerente de um trecho narrativo. Os eventos que constituem um Episódio são ordenados, geralmente, de acordo com sua subsequência temporal, sobretudo na modalidade escrita. Os Episódios podem ser modificados por marcadores de Tempo Absoluto, enquanto os Estados de coisas, por marcadores de Tempo Relativo. No entanto, no interior do Episódio, é possível combinar ambos os tempos, como ilustram esses autores (p. 158):

- (03) Ao sair, parando para verificar a caixa de correio, dando uma olhada para a calçada e parando para ajustar o seu chapéu, ele caminhou até seu carro.

No exemplo acima, todas as orações descrevem, juntas, um Episódio, que é localizado no tempo absoluto por meio do verbo na forma finita *caminhou*, enquanto os Estados de coisas são localizados no tempo relativo pelas formas verbais não-finitas.

Os **Estados de coisas** (e) são entidades que podem ser localizadas no tempo e no espaço e podem ser avaliadas em termos de realidade. Conforme mencionado anteriormente, os Estados de coisas são modificados por marcadores de Tempo Relativo como, por exemplo, *após a aula*, *minutos depois*, *em dois dias*, entre outros. Os modificadores dos Estados de coisas podem marcar, também, o lugar, a frequência de ocorrência; a realidade; o cenário físico e cognitivo do Estado de Coisas, consoante Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 171):

- | | | |
|------|--|------------------|
| (04) | Sheila trabalha em Londres. | (Lugar) |
| (05) | Sheila foi embora antes do jantar. | (Tempo Relativo) |
| (06) | Sheila vai a Londres frequentemente. | (Frequência) |
| (07) | Sheila é, na verdade, um rapaz. | (Realidade) |
| (08) | Sheila ficou doente por causa das fortes chuvas. | (Causa) |
| (09) | Sheila ficou em casa para que pudesse assistir à televisão | (Propósito) |

Os operadores, por sua vez, marcam o lugar, o tempo relativo, a modalidade (epistêmica e deôntica), a polaridade e a quantificação, como se vê nestes exemplos (p. 172-180):

- | | | |
|------|--|------------------|
| (10) | Jan está pescando. | (Lugar) |
| (11) | Amanhã, às três, eles terão entrado | (Tempo Relativo) |
| (12) | Nós, provavelmente, morreremos por falta de água | (Modalidade) |
| (13) | Sheila viu que Pedro saiu. | (Percepção) |
| (14) | Ele não é um rei. | (Polaridade) |
| (15) | Eles, habitualmente, dormiam às dez horas. | (Quantificação) |

Expostas as principais categorias semânticas do Nível Representacional, na próxima subseção, discute-se o terceiro nível da GDF – o Nível Morfossintático.

1.1.3. Nível Morfossintático

O Nível Morfossintático diz respeito às propriedades lineares das expressões linguísticas desde a estrutura de sentenças, orações e de sintagmas, até a estrutura interna das palavras. Nesse nível, as informações semânticas e pragmáticas representadas nos níveis ascendentes são codificadas numa representação estrutural, em que as relações de escopo se refletem na organização linear das Expressões Linguísticas.

A unidade linguística é examinada a partir de sua configuração sintática. Constituem, portanto, o Nível Morfossintático informações como as relações de tempos e modos verbais das orações; atribuição de funções sintáticas (Sujeito, Objeto); as relações de concordância verbal e nominal. Além desse conjunto de primitivos, operam também os operadores secundários, os morfemas (Xs) e os afixos (Aff).

Hengeveld e Mackenzie (2008) não distinguem os níveis sintático e morfológico, uma vez que os padrões funcionais que regem a formação de palavras são os mesmos que regem a estrutura de frases e de orações.

No Nível Morfossintático, estão previstas as seguintes camadas hierárquicas, organizadas de modo descendente: Expressão Linguística > Oração > Sintagma > Palavra, as quais apresentam a seguinte configuração formal:

(Le ₁ :	Expressão Linguística
(Cl ₁ :	Oração
(Xp ₁ :	Sintagma
(Xw ₁ :	Palavra
(Xs ₁)	Raiz
(Aff ₁)	Afixo
(Xw ₁))	Palavra
(Xp ₁))	Frase
(Cl ₁))	Oração
(Le ₁))	Expressão Linguística

A seguir, discutem-se apenas as camadas que são pertinentes a este trabalho: Expressão Linguística e Oração.

Uma **Expressão Linguística** (Le) é a representação de, ao menos, uma unidade morfossintática. As Orações, Frases ou Palavras, por exemplo, são Expressões Linguísticas manifestadas por meio de combinações distintas, mas que partilham as mesmas propriedades morfossintáticas.

Uma **Oração** (Cl) simples se constitui de um ou de mais Sintagmas e Palavras (gramaticais), regida por determinados princípios de ordenação estrutural desses constituintes,

incluindo os morfemas, uma vez que estes integram a configuração sintática da Expressão Linguística, analisada neste nível.

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), em línguas como o inglês, por exemplo, uma Oração consiste numa sequência ordenada de Palavras, de Frases e de outras Orações encaixadas. No Nível Morfossintático, Frases e Orações podem transmitir funções sintáticas como, por exemplo, as de sujeito e de objeto.

Nota-se, enfim, que, a GDF parte do princípio de que o usuário de uma língua natural tem conhecimento de unidades formais e funcionais, e por essa razão procura examinar como o falante, motivado por seus objetivos comunicativos, organiza essas unidades, de modo que ele se comunique eficientemente. A seguir, apresenta-se o posicionamento de Hengeveld e Mackenzie (2008) em relação às orações subordinadas adverbiais.

1. 2. As orações adverbiais na GDF

O modelo teórico-metodológico proposto por Hengeveld e Mackenzie (2008) possibilita, por meio das camadas e dos níveis, identificar como as escolhas funcionalmente motivadas no Nível Interpessoal co-determinam os níveis subsequentes – Representacional e Morfossintático – nos usos causais e condicionais das locuções conjuntivas *dado que*, *desde que* e *de uma vez que*. A interação desses três níveis permite constatar as regularidades e particularidades das orações introduzidas por essas locuções conjuntivas, considerando a hipótese de que a distinção entre a leitura/interpretação causal e condicional é possível pela classificação em camadas específicas.

Na GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 353), as orações subordinadas se distinguem uma das outras pela presença ou pela ausência de: (i) conjunção; (ii) formas verbais especiais, ou de marcas especiais nos argumentos. Em línguas como o espanhol, assim como em português, por exemplo, uma oração subordinada pode distinguir-se da oração principal pelo tipo de conjunção, segundo estes exemplos:

- (16) Juan não sabe *que* Pedro está doente.
- (17) Juan não sabe *se* Pedro está doente.
- (18) Juan não vem *porque* Pedro está doente.

Em relação aos dois primeiros exemplos de orações completivas, em (16), a conjunção é factual, e, em (17), não-factual. No exemplo (18), a conjunção adverbial *porque*, além de ligar os dois Estados de coisas, expressa a função semântica de causa da oração subordinada em relação à oração-núcleo. Isso significa que “[...] uma conjunção pode, além de juntar duas orações, participar na expressão do significado”³ (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 354).

Na GDF, as Orações são consideradas como uma categoria universal da estrutura morfossintática e “podem ocorrer como constituintes de outras orações como **orações**

³ “[...] a conjunction may, apart from conjoining two Clauses, participate in the expression of meaning”.

adverbiais⁴, completivas e predicativas”. Desse modo, “uma questão importante do ponto de vista da GDF tem relação com quais fatores interpessoais, representacionais e morfossintáticos são responsáveis pela escolha de um determinado tipo de oração subordinada”⁵ (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 352).

Percebe-se assim que, para esses autores, as orações devem ser examinadas considerando sua estrutura semântica interna, o que é feito por Oliveira (2008) que, estritamente sob o ponto de vista da GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), analisou as orações condicionais iniciadas por conjunções complexas, considerando que seria possível encontrar diferenças no sentido manifestado por essas locuções.

De acordo com a autora, a conjunção condicional prototípica *se* apresenta um sentido mais amplo, já as locuções conjuntivas *dado que*, *desde que* e *uma vez que* classificam-se como restritivas positivas, visto que o sentido dessas locuções restringe o significado da oração condicional. Essa relação se baseia nesta leitura: “a realização da oração condicional leva necessariamente à realização da oração-núcleo, implicando o fato de que a não-realização da condicional leva necessariamente à não-realização da oração-núcleo” (OLIVEIRA, 2008, p. 78).

Em sua análise das conjunções condicionais complexas, Oliveira (2008) adota, ainda, a proposta de Hengeveld (1998) segundo a qual quatro parâmetros semânticos devem ser considerados na classificação das orações adverbiais: (i) tipo de entidade; (ii) factualidade; (iii) pressuposição e (iv) dependência temporal. A seguir, discutem-se esses parâmetros.

1.3. Os parâmetros semânticos de Hengeveld (1998)

Segundo Hengeveld (1998), as orações adverbiais devem ser analisadas sob o ponto de vista de sua estrutura semântica interna. Desse modo, o autor propõe que se considerem quatro parâmetros de análise a fim de identificar/classificar as relações estabelecidas entre a oração nuclear e a adverbial. São eles: tipo de entidade, factualidade, pressuposição e dependência temporal.

Quanto aos **tipos de entidade**, Hengeveld (1998, p. 345-346) faz a seguinte distinção: (i) entidades de **zero ordem** designam uma propriedade ou uma relação; (ii) entidades de **primeira ordem** designam indivíduos⁶; (iii) entidades de **segunda ordem**, um Estado de coisas, que pode ser avaliado em termos de realidade; (iv) entidades de **terceira ordem** descrevem um Conteúdo Proposicional, que pode ser avaliado em termos de verdade, e (v) entidades de **quarta ordem**, um ato de fala, que pode ser avaliado em termos de informatividade:

- (19) Eles escaparam deslizando por uma corda. (Propriedade – zero ordem)
 (20) O fusível explodiu porque nós sobrecarregamos o circuito. (Causa – segunda ordem)

⁴ Grifo nosso.

⁵ “Clauses may occur as constituents of other Clauses as adverbial, complement, or predicate Clauses. [...] An important question from an FDG point of view is which interpersonal, representational, and morphosyntactic factors are responsible for the choice of a certain type of subordinate Clause”.

⁶ Entidades de primeira ordem são representadas por sintagmas nominais, e não por meio de orações (HENGEVELD, 1998).

- (21) Jenny foi para casa porque sua irmã iria visitá-la. (Razão – terceira ordem)
 (22) Jenny não está aqui, por isso eu não a vejo. (Explicação– quarta ordem)

A **factualidade** diz respeito à classificação das orações em factuais e em não-factuais, isto é, são factuais Estados de Coisas reais e Conteúdos Proposicionais verdadeiros; são não-factuais Estados de Coisas não-reais e Conteúdos Proposicionais não-verdadeiros, como se vê nos exemplos extraídos de Hengeveld (1998, p. 346; 357):

- (23) O fusível explodiu porque nós sobrecarregamos o circuito. (Factual)
 (24) Ele não conseguirá o trabalho se não tiver qualificações. (Não-factual)

A noção de **pressuposição** diz respeito ao modo como o falante elabora o conteúdo de sua mensagem baseado no conhecimento prévio que ele imagina que o ouvinte possua. Isto é, o falante pressupõe que o conteúdo veiculado é pressuposto (real/verdadeiro) ou não-pressuposto (não-real/não-verdadeiro) para o ouvinte, como ilustra Hengeveld (1998, p. 354):

- (25) Após fazer a comida, eu cuidava do jardim. (Factual, pressuposta)
 (26) O fusível *provavelmente* explodiu porque nós sobrecarregamos o circuito. (Factual, não-pressuposta)
 (27) Ela foi embora sem dizer adeus/tchau. (Não-factual, pressuposta)
 (28) Eu saí cedo *para pegar* o trem. (Não-factual, não-pressuposta)

As informações de (26) e de (28) são codificadas por meio do advérbio *provavelmente* e pelo verbo *pegar* na forma não-finita (infinitivo), respectivamente. Esses elementos formais refletem que o falante emoldurou essas informações como não-pressupostas.

Em relação à **dependência temporal**, Hengeveld (1998, p. 348) se refere à dependência temporal da oração adverbial em relação à da oração-núcleo. O autor distingue dois tipos de oração: a que se realiza com referência temporal dependente (RTD), e a que se realiza com referência temporal independente (RTI), conforme estes exemplos:

- (29) Ele se cortou enquanto se barbeava. (RTD)
 (30) As ruas estão molhadas porque está chovendo/porque estava chovendo. (RTI)

Considerados os parâmetros propostos por Hengeveld (1998), a classificação das orações causais e das condicionais é a que se apresenta no quadro abaixo:

Oração adverbial	Tipo de entidade	Factualidade	Referência temporal	Pressuposição
Causal	2ª ordem	factual	RTI	não-pressuposta
Condicional	3ª ordem	não-factual	RTD	não-pressuposta

Quadro 2: Orações adverbiais causais e condicionais.

Nota-se, portanto, que uma oração causal prototípica seria classificada como uma entidade de segunda ordem, factual, com referência temporal independente e não-pressuposta, conforme demonstrado em (20). A oração condicional, por sua vez, seria classificada como uma entidade de terceira ordem, não-factual, com referência temporal dependente e não-pressuposta, como ilustrou (24). Isso será mais bem discutido na análise dos dados.

2. Metodologia

O corpus se compõe de textos formais escritos, do século XX, obtidos no *Corpus do Português*, disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>. Coletadas todas as ocorrências, fez-se uma segunda leitura a fim de distinguir as ocorrências causais das condicionais.

Para tanto, considerou-se como critério de análise o modo verbal da oração adverbial, visto que, por sua própria definição, o modo indicativo veicula algo dado como certo, o que estaria em consonância com a interpretação causal das locuções cotejadas, enquanto o modo subjuntivo, uma incerteza, que seria veiculada pelas locuções com sentido condicional.

Após essa etapa, realizou-se o exame descritivo das orações causais e das condicionais introduzidas por *dado que*, *desde que* e por *uma vez que* a fim de identificar suas regularidades, de acordo com os parâmetros semânticos propostos por Hengeveld (1998) e com a proposta de análise em camadas, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008).

3. Apresentação e análise dos dados

Tendo em vista os pressupostos teórico-metodológicos abordados neste trabalho e no corpus utilizado, apresentam-se os resultados da análise, a qual se baseou em 1092 ocorrências, como se apresentam na tabela abaixo:

<i>Dado que</i>	<i>Desde que</i>	<i>Uma vez que</i>	Total
33 3,0%	301 28,0%	758 69,0%	1092

Tabela 1: Número de ocorrências das locuções conjuntivas.

Conforme mencionado na seção anterior, considerou-se o modo verbal da oração adverbial como critério para a classificação das locuções conjuntivas causais/condicionais. Hengeveld (1989) e Hengeveld e Mackenzie (2008) compreendem o modo verbal como um

critério semântico que diz respeito ao estatuto de realidade/irrealidade. Em Hengeveld (1989), o autor assevera que, quando o falante se compromete com o conteúdo veiculado na oração adverbial, ele opta pelo modo indicativo, mas quando o falante não quer comprometer-se com o enunciado expresso na oração adverbial, ele opta pelo subjuntivo.

Das 1092 ocorrências, 782 são causais, e 310, condicionais, segundo esta tabela:

Oração adverbial	<i>Dado que</i>	<i>Desde que</i>	<i>Uma vez que</i>	Total
Causal	28 3,6%	02 0,3%	752 96,1%	782
Condicional	05 1,6%	299 96,5%	06 1,9%	310
Total	33	301	758	1092

Tabela 2: Ocorrências causais e condicionais.

Apresenta-se, a seguir, a análise das relações causais e das condicionais conforme os parâmetros semânticos propostos por Hengeveld (1998) e a estruturação em camadas, de Hengeveld e Mackenzie (2008), a fim de verificar se se corrobora a classificação estabelecida pelos autores.

3.1. Causalidade

Nas relações causais, analisaram-se 782 ocorrências, distribuídas segundo a tabela abaixo:

Ocorrências causais			
<i>Dado que</i>	<i>Desde que</i>	<i>Uma vez que</i>	Total
28 3,6%	02 0,3%	752 96,1%	782

Tabela 3: Ocorrências causais.

De acordo com Hengeveld (1998) e com Hengeveld e Mackenzie (2008), uma relação causal, no sentido estrito, estabelece-se entre dois Estados de coisas. A análise do corpus deste trabalho permite considerar que as orações causais, de fato, representam entidades de segunda ordem, visto que descrevem Estados de coisas, os quais podem ser avaliados em termos de realidade. Nesse sentido, uma oração causal qualifica a ocorrência do Estado de coisas descrito na oração-núcleo, atuando como um modificador predicacional. Estados de coisas podem ser qualificados por modificadores de tempo relativo, de lugar, de frequência de ocorrência, entre outros, conforme demonstram as ocorrências (01) e (02)⁷:

⁷ Reinicia-se a numeração na análise dos dados por se tratar das ocorrências do corpus.

- (01) *Quanto às formas de pagamento, os encargos destas operações são geralmente pagos antecipadamente, dado que, na grande maioria das vezes, as duplicatas têm o seu valor expresso em moeda corrente.* (19Ac:Br:Enc)
- (02) *A avaliação dos danos e riscos das propriedades também é função deste profissional, uma vez que, a partir desta avaliação, ele define os preços de seguro.* O trabalho envolve muitos estudos estatísticos para que os resultados possam apontar as cotas de seguro a serem pagas. (19Ac:Br:Enc)

Em (01), o Estado de coisas descrito na oração causal [*as duplicatas terem seu valor expresso em moeda corrente*] justifica a ocorrência do evento descrito na oração-núcleo [*os encargos serem pagos antecipadamente*]. Ambos os Estados de coisas são modificados por expressões de frequência de ocorrência: oração-núcleo [*geralmente*]; oração causal [*na grande maioria das vezes*].

Em (02), por sua vez, é o evento da oração causal [*(o atuário) definir o preço do seguro*] que desencadeia o fato descrito na oração-núcleo [*a avaliação dos danos e riscos das propriedades também ser função deste profissional*]. Como se vê, o Estado de coisas descrito na oração causal é qualificado pelo modificador de tempo relativo [*a partir desta avaliação*].

Estados de coisas são localizáveis no tempo relativo e no espaço. A ocorrência (03a) foi modificada por uma expressão de tempo relativo, e (04a) por expressão de lugar, como se vê a seguir:

- (03) *A estrutura é garantida por lei, uma vez que eles são formados em direito e contratados por concurso.* A parcialidade dos julgamentos, porém, é questionada por alguns promotores do Ministério Público e membros de entidades ligadas aos direitos humanos. (19N:Br:SP)
- (03a) [...] *A estrutura é garantida por lei, uma vez que eles são formados [há alguns anos] em direito e contratados por concurso.*
- (04) *Com o segundo modelo procurou-se retratar a dinâmica de ajustamento em um mercado em que as quantidades ofertadas eram pré-determinadas e os preços se ajustavam a partir de condições previamente estabelecidas, dado que o governo interferia na comercialização dos produtos tanto do setor de combustíveis como do setor sucroalcooleiro.* (19Ac:Br:Lac:Thes)
- (04a) [...] *os preços se ajustavam a partir de condições previamente estabelecidas, dado que [no Brasil], o governo interferia na comercialização dos produtos tanto do setor de combustíveis como do setor sucroalcooleiro.*

De acordo com os exemplos acima, em (03a), o Estado de coisas [*eles são formados em direito*] é localizado no tempo relativo por meio da expressão *há alguns anos*. O fato ocorrido descrito em (04a) [*o governo interferia na comercialização dos produtos tanto do setor de combustíveis como do setor sucroalcooleiro*] é localizado pelo modificador *no Brasil*.

No que diz respeito ao parâmetro *factualidade*, as orações causais encontradas no corpus são factuais, uma vez que descrevem fatos ou eventos ocorridos no mundo real, avaliados em termos de realidade, conforme demonstram as ocorrências acima. Desse modo, é possível

modificar os Estados de coisas pelas expressões de realidade *realmente* e *de fato*, conforme se vê em (05a):

- (05) A velocidade de escape é muitíssimo grande, pois toda a massa da estrela seria concentrada no centro do buraco negro, resultando em um ponto de dimensões mínimas e densidade infinita chamado ponto de singularidade. *A dificuldade em localizar buracos negros é que eles são invisíveis, uma vez que não emitem radiação de qualquer espécie.* (19Ac:Br:Enc)
- (05a) [...] *A dificuldade em localizar buracos negros é que eles [realmente/de fato] são invisíveis, uma vez que [realmente/de fato] não emitem radiação de qualquer espécie.*

Em relação ao parâmetro *pressuposição*, as orações causais sob análise são não-pressupostas, no sentido de que o falante não pressupõe que o conteúdo expresso na oração causal seja factual (real), como demonstram as ocorrências (06) e (07):

- (06) Como o preço ao varejo é dado pela equação (23), resta determinar qual será a quantidade ofertada no período t. *O autor sugere igualar a oferta corrente com a demanda do período anterior, dado que a demanda pode sofrer alterações e a firma não pode prever com certeza qual será essa quantidade demandada.* (19Ac:Br:Lac:Thes)
- (07) A epistemologia não-cartesiana seria então uma “condenação da doutrina das naturezas simples e absolutas”, que contrapõe-se ao “ideal de complexidade da ciência contemporânea”. *Uma vez que propriedades decorrem de relações, não há mais sentido o estudo do fenômeno simples, porque ele não existe.* (19Ac:Br:Lac:Thes)

Em (06), o fato expresso na oração causal [*demanda poder sofrer alterações*] representa uma das causas que motivam a realização do que está expresso na oração-núcleo [*o autor sugerir igualar a oferta corrente com a demanda do período anterior*]. Como se vê nesse exemplo, outra causa é manifestada pela oração coordenada [*e a firma não poder prever com certeza qual será essa quantidade demandada*].

Em (07), o falante enuncia duas causas: a primeira oração causal, iniciada por *uma vez que*, veicula uma informação não-nova - [*propriedades decorrerem de relações*] que pode ter justificado o Estado de coisas da oração-núcleo [*não haver mais sentido o estudo do fenômeno simples*]. Em seguida, o falante comunica outra causa, iniciada pela conjunção *porque*, a qual veicula informação nova – [*ele (fenômeno simples) não existir*]. Nesse exemplo, as duas orações causais estão subordinadas à mesma oração nuclear [*não haver mais sentido o estudo do fenômeno simples*].

Assumir que o conteúdo da oração causal é não-pressuposto significa dizer que, de modo geral, pode haver mais de uma causa responsável pelo efeito causado, e que o falante opta por comunicar a causa que ele considera mais adequada/relevante/‘provável’ para satisfazer seus fins comunicativos.

Por fim, em relação ao parâmetro *referência temporal*, as orações causais apresentam referência temporal independente (RTI) da oração-núcleo, visto que o significado expresso pela referência temporal na oração causal não é uma consequência necessária do significado expresso pela referência temporal da oração nuclear. Isso significa que o tempo verbal da oração adverbial

é passível de mudança sem que a construção se torne agramatical no uso da língua portuguesa, como ilustram (08a) e (09a):

- (08) Esse mesmo autor atenta para o fato de os diversos sentidos não se misturarem ou se contradizerem, uma vez que são inseridos cada qual em um contexto que precisa e antecipa a sua carga semântica. *Assim sendo, um significado só **terá sentido** em uma determinada situação, **dado que** os outros significados não **existirão** (e não se confundirão) na mente do interlocutor.* (19Ac:Br:Lac:Thes)
- (08a) [...] *Assim sendo, um significado só **terá sentido** em uma determinada situação, **dado que** os outros significados não [existem/existiam] (e não se confundirão) na mente do interlocutor.*
- (09) *Embora só tenhamos analisado introduções e a ferramenta para suporte trate somente dessa seção (a implementação é discutida no Capítulo 6), essa taxonomia **pode ser acrescida** de padrões característicos de outras seções. Por exemplo, indicações visual-verbais e descrições de processos na forma de listas, **uma vez que podemos implementar** ferramentas para auxiliar a escrita de todo o artigo.* (19Ac:Br:Lac:Thes)
- (09a) [...] *essa taxonomia **pode ser acrescida** de padrões característicos de outras seções. Por exemplo, indicações visual-verbais e descrições de processos na forma de listas, **uma vez que** [podíamos/poderemos] **implementar** ferramentas para auxiliar a escrita de todo o artigo.*

Segundo se demonstrou acima, a referência temporal das orações causais é independente da oração-núcleo, uma vez que a oração adverbial não se realiza como uma consequência necessária do significado da oração-núcleo.

A análise das ocorrências comprovou a classificação das orações causais como propôs Hengeveld (1998), visto que as relações causais sob análise se estabelecem entre dois Estados de coisas, sendo que o Estado de coisas expresso na oração adverbial é sempre factual/real, com referência temporal independente e não-pressuposto.

A seguir, apresentam-se as características das orações condicionais conforme os mesmos critérios apresentados até o momento.

3. 2. Condicionalidade

Nas relações condicionais, analisaram-se 310 ocorrências, distribuídas segundo a tabela abaixo:

Ocorrências condicionais			
<i>Dado que</i>	<i>Desde que</i>	<i>Uma vez que</i>	TOTAL
05 1,6%	299 96,5%	06 1,9%	310

Tabela 4: Ocorrências condicionais.

Uma oração condicional qualifica a oração-núcleo em termos de verdade, acrescentando informação suplementar para que sua proposição se torne verdadeira. Neste trabalho, assume-se que as orações condicionais são modificadores proposicionais.

As orações condicionais designam entidades de terceira ordem, pois descrevem Conteúdos Proposicionais, que podem ser avaliados em termos de verdade. Assim, considerando-

se o parâmetro *factualidade*, nota-se que o conteúdo veiculado pela oração condicional é não-factual, uma vez que ela veicula uma hipótese e não fatos nem eventos realizados, como se vê em (10) e em (11):

- (10) Acho que ser mãe é um ato de amor, eu já era antes, mas penso que agora é bem diferente, agora é de outra forma, uma responsabilidade e tanto, agora mais do que nunca eu me preocupo muito com ela, tenho medo de eu ter ela e depois não ver ela crescer ou ela me ver sofrer, ou me ver numa cama e nenhuma mãe quer isso para um filho, nenhuma, meu medo maior é esse. *Mas desde que eu me cuide e isso não aconteça, tudo bem.* (19Ac:Br:Lac:Thes)
- (11) O soberano dos infernos consentiu mas, antes de deixar partir sua amada, fez com que ela comesse um bago de romã. *Prendeu-a com isso, para sempre, aos Infernos, uma vez que quem ali se alimentasse ficaria eternamente condenado a retornar.* Quando mãe e filha se reencontraram, a terra novamente se cobriu de verde e a abundância voltou a reinar. (19Ac:Br:Enc)

Em (10), a entrevistada apresenta sua conclusão [*tudo bem*] assentada na crença de que a realização da condição expressa na oração adverbial [(*desde que*) *eu me cuide e isso não acontecer*] poderá implicar a realização da proposição expressa na oração-núcleo [(*ficar*) *tudo bem*].

Em (11), a oração nuclear [*ficaria eternamente condenado a retornar*] expressa algo que poderia ter-se realizado dado o preenchimento da condição [(*uma vez que*) *quem ali se alimentasse*].

Como demonstram as ocorrências acima, a (não)-realização da oração-núcleo depende da (não)-realização da oração condicional, ou seja, as duas orações são mutuamente implicativas.

Conteúdos Proposicionais podem ser qualificados por expressões modalizadoras que refletem a atitude do falante como, por exemplo, *acho que*, *é possível que*, entre outras, conforme ilustra (10a):

- (10a) [...] *Mas desde que eu me cuide e isso não aconteça*, [*acho que/é possível que*] *tudo bem.*

Em relação ao parâmetro *pressuposição*, as orações condicionais são não-pressupostas, no sentido de que o falante não pressupõe que o conteúdo expresso na oração condicional é não-factual (não-verdadeiro). Conteúdos Proposicionais são não-verdadeiros uma vez que o conteúdo da oração condicional se situa no campo do hipotético, conforme se verifica nas ocorrências (12) e (13):

- (12) *A segunda lei de Lamarck afirma que as adaptações sofridas pelos seres de uma espécie por influência do meio ambiente são transmitidas e conservadas de geração para geração, desde que as adaptações ocorram em seres de ambos os sexos na espécie.* (19Ac:Br:Enc)
- (13) Essas regras formam a base para a transferência entre as entradas lexicais na LF e LA. *A ideia central desse paradigma é que, uma vez que os elementos bilíngues identifiquem corretamente os índices das entradas lexicais, um algoritmo SeBMT pode combiná-los.* (19Ac:Br:Lac:Misc)

Nas ocorrências acima, o falante não pressupõe que as condições estabelecidas em (12), [*adaptações ocorrerem em seres de ambos os sexos na espécie*] e em (13), [*os elementos*

bilíngues identificarem corretamente os índices das entradas lexicais], sejam não-factuais (não-verdadeiras), visto que Conteúdos Proposicionais descrevem fatos possíveis, que não são realizados, mas deixados em aberto, cujo preenchimento poderá ou não ocorrer. É nesse sentido que o falante pressupõe que conteúdo da oração condicional é não-pressuposto a ser verdadeiro.

Por fim, no que diz respeito à *referência temporal*, as orações condicionais apresentam referência temporal dependente (RTD) da oração-núcleo, isto é, o evento da oração adverbial é temporalmente pressuposto a partir do tempo-modo expresso na oração nuclear, como demonstram (14a) e (15a):

- (14) *Escolhido este caminho não se cogitou de o transformar em linha de operações, pela escolha de dois ou três pontos defensáveis, **garantidos** de guarnições que, mesmo diminutas, pudessem estear a resistência, **dado que houvesse** um insucesso, um recuo ou uma retirada.* (19:Fic:Br:Cunha:Sertoes)
- (14a) *[...] *Escolhido este caminho não se cogitou de o transformar em linha de operações, pela escolha de dois ou três pontos defensáveis, **garantidos** de guarnições que, mesmo diminutas, pudessem estear a resistência, **dado que** [haja/houver] um insucesso, um recuo ou uma retirada.*
- (15) *Art. 459. Se for aleatório, por serem objeto dele coisas futuras, tomando o adquirente a si o risco de virem a existir em qualquer quantidade, **terá** também direito o alienante a todo o preço, **desde que** de sua parte não **tiver concorrido** culpa, ainda que a coisa venha a existir em quantidade inferior à esperada.* Parágrafo único. Mas, se da coisa nada vier a existir, alienação não haverá, e o alienante restituirá o preço recebido. (19Ac:Br:Lac:Misc)
- (15a) *Se for aleatório, por serem objeto dele coisas futuras, tomando o adquirente a si o risco de virem a existir em qualquer quantidade, **terá** também direito o alienante a todo o preço, **desde que** de sua parte não [tenha] **concorrido** culpa, ainda que a coisa venha a existir em quantidade inferior à esperada*

Como (14a) se trata de evento narrado, o verbo da oração principal no particípio passado [*garantidos*] pressupõe o verbo auxiliar também no passado [*estavam garantidos*], isto é, dependente do tempo expresso na oração-núcleo. Desse modo, a mudança do tempo da condicional para o presente [*haja*], sobretudo para o futuro do subjuntivo [*houver*], torna a sentença agramatical no português brasileiro, já que não é possível propor uma condição no futuro para um evento com referência temporal passada.

Em (15a), embora seja possível modificar o tempo verbal da oração condicional [*tiver concorrido*] para o pretérito perfeito [*tenha concorrido*], sua referência temporal permanece em acordo com a referência temporal da oração-núcleo. Isto é, a ordem das proposições descritas (anterioridade – oração condicional/posterioridade – oração-núcleo) se mantém preservada.

A partir do exposto, é possível concluir que os dados analisados corroboram a classificação das orações condicionais proposta por Hengeveld (1998), posto que as relações condicionais examinadas descrevem Conteúdos Proposicionais (fatos possíveis) não-factuais/não-verdadeiros, com referência temporal dependente e veiculam informação não-pressuposta.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi cotejar as orações causais e as condicionais expressas pelas locuções conjuntivas *dado que*, *desde que* e *por uma vez que* no português contemporâneo do Brasil, considerando, sobretudo, a estrutura semântica interna dessas orações por meio dos quatro parâmetros semânticos propostos por Hengeveld (1998).

Diante da análise empreendida neste trabalho, apresentam-se, no quadro seguinte, as principais características dos usos causais e dos condicionais:

Tipo de relação	Modificador	Domínio	Tipo de entidade	Factualidade	Referência temporal	Pressuposição
Causal	predicacional	conteúdo	2ª ordem (EC reais)	Factuais	RTD	<i>não-pressuposta</i>
Condicional	proposicional	epistêmico	3ª ordem (CP não-V)	não-factuais	RTI	<i>não-pressuposta</i>

Quadro 3: Classificação das relações de causa e de condição.

Com base na proposta de Hengeveld (1998), confirmou-se que as orações causais designam entidades de segunda ordem, com referência temporal independente e são sempre factuais, uma vez que descrevem Estados de coisas reais. As orações condicionais designam entidades de terceira ordem, com referência temporal dependente e são não-factuais, visto que descrevem Conteúdos Proposicionais não-verdadeiros.

A semelhança entre essas orações, como se vê no quadro 3, parece se referir ao parâmetro *pressuposição*: de acordo com a proposta de Hengeveld (1998), ambas veiculam informação não-pressuposta. Pode-se considerar que esse parâmetro tende a favorecer a sobreposição de leituras/interpretações.

Assim, em determinados contextos, a causa é apresentada para o ouvinte como algo ‘hipotético’, no sentido de que a informação contida na oração adverbial pode não representar a causa única responsável pelo efeito causado, mas sim a causa que o falante considera mais adequada/relevante/‘provável’ para satisfazer suas intenções comunicativas.

Nas relações condicionais, os Conteúdos Proposicionais descrevem fatos possíveis, que não são realizados nem percebidos, mas deixados em aberto, cujo preenchimento poderá ou não ocorrer. É nesse sentido que o falante pressupõe que o conteúdo da oração condicional é não-pressuposto a ser verdadeiro.

Pode-se dizer, então, que, nesses casos, o conteúdo da oração causal é mais hipotético, e o da oração condicional, menos hipotético. Desse modo, parece haver, em certos contextos, uma ‘neutralização’ entre o uso causal e o condicional, o que permitiria a sobreposição de leituras dessas locuções conjuntivas. Nota-se, portanto, que os resultados obtidos corroboram a classificação estabelecida por Hengeveld (1998).

A teoria da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) possibilitou verificar, ainda, que os empregos com sentido causal e condicional dessas locuções se diferenciam no Nível Representacional, especificamente nas camadas do Estado de coisas (relações causais) e na do Conteúdo Proposicional (relações condicionais).

Por fim, pode-se dizer que as orações causais e as condicionais são compatíveis ainda pelo fato de que, independentemente da locução conjuntiva e do sentido causal/condicional, todas as orações veiculam informação compartilhada entre falante e ouvinte.

The semantic structure of causal and conditional clauses on Brazilian Portuguese according to Functional Discourse Grammar

ABSTRACT: In this paper, we analyse the causal and conditional clauses introduced by the conjunctions *dado que*, *desde que* and *uma vez que* in Brazilian Portuguese. The *corpus* of this research is composed by written texts, which were collected at the Corpus do Português, available at: <http://www.corpusdoportugues.org>. The features considered in this analysis were the semantic parameters (HENGEVELD, 1998), and levels and layers of analysis (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). The causal clauses designate second order entities with independent time reference, and they are always factuais. The conditional clauses designate third order entities with dependent time reference, and they are nonfactuais. Both clauses express non-pressupposed information.

Keywords: conjunctions; adverbial clauses, semantic parameters, functionalism.

REFERÊNCIAS

DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>, 2006.

DIK, Simon Cornelis. *Theory of functional grammar*. Dordrecht: Foris Publications, 1989.

HENGEVELD, K. Layers and operators in Functional Grammar. *Journal of Linguistics*, 1989, p. 125-157.

_____. Adverbial clauses in the languages of Europe. In: AWERA, J. e BAOILL, D. P. (Eds). *Adverbial constructions in the languages of Europe*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1998.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional discourse grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

KROON, C. *Discourse particles in Latin*. (Amsterdam Studies in Classical Philology 4) Amsterdam: Gieben, 1995.

LEVELT, W. J. M. *Speaking*. Cambridge MA: MIT Press, 1989.

OLIVEIRA, T. P. *As conjunções e orações condicionais no português do Brasil*. Tese. (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras – UNESP, 2008.

Data de envio: 30/09/2013

Data de aceite: 03/02/2014

Data de publicação: 21/07/2014